Para todos...
Anno XI
Num. 545
25 Maio
1929
PREÇO 1$

A noite passada em claro, sem que unturas nem lavagens lograssem proporcionar-lhe allivio!

Que surpresa, que milagre, quando, poucos momentos após ter tomado dois comprimidos de CAFIASPIRINA, desappareceu aquella dôr horrivel!

Eis porque a todas as suas amigas recommenda ella sempre com tanto enthusiasmo, e para qualquer dôr, a nobre e excellente

Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, devolve as forças e não affecta o coração nem os rins!

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O que tem de ser...

(Continuação do numero anterior)

vam-se jarras de crystal e havia arbustos em flor em grandes tinas. Quando pensava que essa casa lhe pertencia, ella que toda a sua vida havia habitado um apartamento pequenino e escuro, e que a havia tornado encantadora para seu marido, seu coração enchia-se de orgulho.

— Estás contente commigo ? perguntára ella depois de tudo terminado.

— Que pergunta !

Esse laconismo agradou-lhe. Que felicidade entenderem-se tão bem ! Tinham ambos o pudor das manifestações diante de terceiros e sómente em raras occasiões deixavam o tom de brincadeira.

Terminado o almoço, Guy deitou-se na cadeira de balanço e Doris dirigiu-se ao seu quarto. Com grande surpresa sua, ao passar por seu marido, elle obrigou-a a curvar-se até seus labios. Não era, entretanto, hora de caricias.

— O banquete tornou-te sentimental, querido amor ? disse ella.

— Vae-te e não me tornes a apparecer antes de duas horas no minimo.

— E tu, toma cuidado, e nada de roncos !

Deixou-o. Tinham-se levantado de madrugada. Cinco minutos depois, todos dois dormiam profundamente.

—

Doris acordou com um forte barulho de agua. Guy lavava-se no banheiro. As paredes do "bungalow" tinham a resonancia de uma caixa de musica. Doris sentia-se bastante indolente. No entanto, quando o "boy" trouxe a bandeja do chá, saltou da cama e correu para a banheira. A agua pareceu-lhe uma delicia. Quando entrou na sala, Guy tirava as raquetas do logar em que estavam guardadas. Era preciso aproveitar a breve frescura da tarde para jogar tennis. A's seis horas era já noite.

O "court" achava-se a duzentos ou trezentos metros do "bungalow". Encaminharam-se para lá depois do chá.

— Olha, disse Doris, ali está ainda a rapariga dessa manhã.

Guy virou a cabeça rapidamente. Olhou um instante a indigena, mas não disse nada.

— Que bonito "sarong" (1) ! notou Doris. Onde o terá ella arranjado ?

Passaram adeante. Ella era baixa e fina, olhos grandes e pardos da sua raça e uma quantidade immensa de cabellos negros como azeviche. Immovel, examinara-os de um modo estranho. Era menos moça do que Doris julgára, os traços já grossos e a pelle esverdeada, era ainda bonita. Trazia uma creança nos braços. Doris sorriu-lhe, mas a mulher continuou impassivel. Não olhava para Guy, olhava sómente para Doris. Elle continuava a andar como se a não tivesse visto.

Doris virou-se para elle.

— Que amor de creança !

— Não reparei.

A expressão de Guy intrigou Doris. Estava pallido como cêra.

— Viste as mãos e os pés dessa mulher ? São dignos de uma princeza.

— Todas as indigenas têm bonitos pés e bonitas mãos, respondeu elle com esforço.

Mas Doris não prestou attenção.

— Quem é ? Sabes ?

— E' uma rapariga da aldeia.

Chegaram ao "court". Guy voltou-se ao chegar á rêde afim de verificar a altura. A moça ainda estava ali. Seus olhares cruzaram-se.

— Queres que comece ? perguntou Doris.

— Sim, és tu que tens as bolas.

Elle jogou muito mal. Em geral, dava-lhe quinze pontos e ainda ganhava, mas hoje, ella não teve difficuldade em batel-o. E elle não abria a bocca, elle sempre tão tagarela e que fazia pilherias quando punha uma bola fóra do seu alcance.

— Não estás em fórma, rapaz ! gritou.

— Absolutamente.

Elle insistiu e mandou bola sobre bola para a rêde. Ella nunca lhe tinha visto a physionomia tão contrahida. Estaria de máo humor por estar perdendo ? A noite cahiu e elles interromperam o jogo. A malaia não se tinha mexido. Vio-os que se afastavam.

Os "stores" da varanda estavam levantados agora. As espreguiçadeiras esperavam. Sobre a mesa estava preparado "whisky" e soda. Guy dosou as bebidas.

O rio estendia-se diante delles e na margem opposta, a floresta envolvia-se na sombra mysteriosa do crepusculo.

Joguei como um pichote, disse Guy de repente. Sinto-me meio exquisito.

— Estou desolada. Não vaes ter febre, ao menos ?

— Oh ! não, amanhã isto estará passado.

A sombra envolveu-os. Os sapos coaxavam. A's vezes, ouvia-se alguns breves trillos de passaro nocturno. Vagalumes voejavam pela varanda e transformavam as moitas proximas em arvores de Natal de girandolas minusculas. Doris julgou ouvir um suspiro leve. Sentiu-se inquieta: Guy era sempre tão alegre.

— O que tens, meu bebé ! disse com meiguice, confia-te á tua mãesinha.

— Nada, bebamos ainda, respondeu elle despreoccupadamente.

—

No dia seguinte, estava novamente de bom humor. O correio chegou. Duas vezes por mez, indo ás minas de carvão e voltando, o navio que fazia a cabotagem parava na embocadura do rio. Trazia a correspondencia que Guy mandava buscar pela embarcação. Era o grande acontecimento da sua vida uniforme. Nos primeiros dias, percorriam ás pressas, cartas, jornaes inglezes e jornaes de Singapura, revistas e livros, deixando para mais tarde uma leitura mais profunda. Menos absorvida, Doris teria notado uma mudança no marido, mas sem poder precisar as causas. O olhar de Guy estava sempre alerta e formava-se junto á bocca uma ruga de ansiedade.

Oito dias depois, uma manhã, por traz do "store" abaixado, ella estudava uma grammatica malaia. Ouvio barulho no pateo e reconheceu a voz do "boy", — elle falava enfurecido, — a de um outro homem, sem duvida a do carregador de agua e a voz esganiçada de uma mulher. Houve luta.

---

(1) tanga.

Ella foi á janella e levantou o "store". O carregador da agua segurava uma indigena pelo braço e a arrastava para fóra emquanto que o "boy" a empurrava por traz. Doris reconheceu immediatamente a malaia que ella já tinha visto. Ella apertava um bebé de encontro ao peito.

— Parem, gritou Doris, o que estão fazendo?

Ouvindo sua voz, o carregador largou a mulher que cahiu no chão. Houve um silencio. O "boy" desviou-se com máu humor. O carregador hesitou e foi-se embora. A mulher levantou-se de vagar, installou o bebé no braço e olhou para Doris com desdem. O "boy" murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido. Ella porem, continuou impassivel, e afastou-se lentamente. O "boy" seguiu-a até o portão. Quando elle voltou, Doris chamou-o, mas elle fingiu não ouvir. Ella começava a zangar-se.

— Vem aqui, ordenou com os olhos chammejantes.

O "boy" entrou mas ficou encostado á porta.

— O que fazias a esta mulher?

— "Tuan" (1) disse ella não vir aqui.

— Isto não são modos de tratar uma mulher. Eu não o consinto. Direi a "Tuan" o que vi.

O "boy" não respondeu.

— Está bem, vae-te".

Sem uma palavra, elle deu meia volta e foi para junto dos creados. Exasperada por esse incidente, ella não conseguia fixar de novo a attenção no que estava lendo. Pouco depois, o "boy" veiu pôr a mesa para o almoço. De repente correu para a porta.

— O que ha? perguntou ella.

— "Tuan" chegou.

Sahiu para tomar o chapéo ao seu amô. Seu ouvido apurado percebera o som dos passos. Guy não subiu immediatamente como era seu costume. Sem duvida o "boy" descera ao seu encontro para contar-lhe o incidente. Ella encolheu os hombros. Mas ficou pasma ao ver o marido. Sua physionomia estava transtornada.

—Guy, o que tens? Deus meu!

Elle corou intensamente.

— Nada. Por que?

Tão admirada estava que o deixou escapar para o quarto sem dizer uma palavra. Elle levou mais tempo que de costume para se banhar e mudar de roupa. Quando elle voltou, o almoço estava servido.

— Guy, disse ella assim que se sentaram, essa mulher voltou ainda.

— Foi o que me disseram.

— Os "boys" a brutalizaram. Tive que intervir. E' preciso que lhes fales.

Apezar do malaio comprehender tudo o que ella dizia, continuava impassivel. Serviu as torradas.

— Prohibiram-lhe entrar aqui, respondeu Guy. Eu tinha dado ordem de a mandar embora, caso reapparecesse.

— Era necessario serem tão brutaes?

— Ella não queria se ir embora. Não creio que se tivessem excedido.

— Não era razão para a maltratarem assim. Ella carregava um bebé.

— Oh! um bebé de tres annos.

— Como o sabes?

— Nada ignoro do que lhe diz respeito. Ella incommoda todo o mundo.

— Mas o que quer ella emfim?

— O que aconteceu: um escandalo.

Doris calou-se. O tom do marido surprehendia-a. Elle falava seccamente como se julgasse que isso não era de sua conta. Isso a aborreceu.

— Acho que não poderemos jogar tennis esta tarde, tornou elle. O tempo está ameaçador.

A chuva cahia quando Doris acordou. Era impossivel sahir. Durante o chá notou o ar preoccupado de Guy. Pegou um trabalho de agulha. Guy esforçou-se em reler os jornaes, mas era visivel que não podia estar quieto. Depois de algum tempo, sahiu para a varanda e pareceu ficar absorto na contemplação da chuva. Doris sentia-se opprimida. Foi só depois do jantar que elle falou. A chuva havia cessado e as estrellas brilhavam. Sentaram-se na varanda. Para não attrahir os insectos, o "boy" apagou a lampada da sala. Lá em baixo, vagaroso e imponente, corria o rio mysterioso.

— Doris, tenho alguma coisa a dizer-te, começou elle, de repente, com a voz alterada.

A sua emoção enterneceu Doris, que com carinho poz a mão sobre a sua. Elle desvencilhou-se.

1) Patrão.

Por W. Somerset Maugham

— E' uma historia assás longa, não muito agradavel e bastante delicada a contar. Peço-te que não me interrompas, que não me digas coisa alguma antes que eu termine.

Ella não distinguia seu rosto na escuridão, mas sentia que estava livido. Ella não respondeu. Elle falava tão baixo que ella mal o ouvia, apezar do silencio da noite.

— Eu não tinha mais de dezoito annos quando vim para aqui, ao sahir da escola. Depois de tres mezes de Kuching, enviaram-me para um posto no rio Sembulu, junto de um residente e de sua mulher. Morava no tribunal, mas fazia minhas refeições e passava as tardes com elles. Gostava muito dali. Um dia, o administrador deste logar cahiu doente e teve de regressar á patria. Havia falta de homens por causa da guerra confiaram-me o posto. Sem duvida, era eu muito joven, mas falava a lingua como um indigena e os malaios lembravam-se ainda de meu pae. Sentia-me orgulhoso da minha independencia.

Calou-se emquanto esvasiava as cinzas do seu cachimbo e o enchia novamente. Quando o accendeu, Doris notou que sua mão tremia.

— Até então, nunca tinha estado só. Em casa tinha meus paes, além do adjunto de meu pae e, na escola, os companheiros não faltavam. Durante as viagens, misturava-se aos passageiros. Em Kuching e no meu primeiro posto, estava tambem muito acompanhado. A gente dali tratava-me como filho. Nasci para sociedade. Gosto de meus semelhantes, da animação, da alegria. Uma coisa á tôa me diverte, mas como rir sózinho? Aqui, o caso era outro. Os dias passavam entre o trabalho e os Dyaks. Naquelle tempo, elles faziam collecção de craneos, o que, ás vezes, causava-me aborrecimentos; eram, porém, bons typos no fundo e entendiamo-nos muito bem. Teria preferido, naturalmente, a companhia de um branco, mas ada-

(Continúa no proximo numero)

MAIS de dois terços de trabalho diario, nos escriptorios, nas escolas, nas officinas, etc., é feito antes do meio dia. Isso significa que a primeira refeição, logo pela manhã, deve ser muito nutritiva, fornecendo a energia necessaria á labuta matinal.

Quaker Oats é o alimento em questão. Os seus carbohydratos produzem energia, a sua proteina cria musculos. Os seus elementos mineraes são indispensaveis ao desenvolvimento dos ossos, dos dentes, do sangue e dos nervos. Quaker Oats é rico de vitaminas e o seu volume, muito bem proporcionado, concorre para o perfeito funccionamento do apparelho digestivo.

Experimente quotidianamente Quaker Oats, logo pela manhã, e observe como se sentirá mais disposto, mais forte e mais satisfeito.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

5072

Cabellos Brancos?

A Loção Brilhante faz voltar á côr natural primitiva em 8 dias. Não pinta, porque não é tintura. Não queima, porque não contém saes nocivos. E' uma formula scientifica do grande Botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis. E' recommendado pelos principaes Institutos Sanitarios do Estrangeiro, analysada e autorisada pelo Departamento de Hygiene do Brasil.

COM O USO REGULAR DA

LOÇÃO BRILHANTE

1.º) Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias. — 2.º) Cessa a queda do cabello. — 3.º) Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos, voltam á sua côr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados. — 4.º) Detém o nascimento de novos cabellos brancos. — 5.º) Nos casos de calvicie, faz brotar novos cabellos. — 6.º) Os cabellos ganham vitalidade, tornando-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

Usada pela Alta Sociedade

Cessionarios para a America do Sul:

ALVIM & FREITAS

RUA WENCESLAU BRAZ Nº 22 — 1º andar

SÃO PAULO

"Para todos..." terá uma reportagem especial sobre "Miss Brasil" na America

O nosso querido companheiro Adhemar Gonzaga, que partiu para Galveston em companhia de "Miss Brasil".

A' Sociedade Anonyma "O Malho", a maior empreza graphica da America do Sul (editora e proprietaria de "O Malho", "Para todos...", "Cinearte", "O Tico-Tico", "Illustração Brasileira" e "Leitura para todos"), não podia deixar de ser muitissimo sensivel á preferencia do publico por "Para todos...", a mais elegante e artistica revista que se publica no Brasil com a assistencia continua das élites de todo o paiz, que rapidamente esgotam as suas successivas edições semanaes.

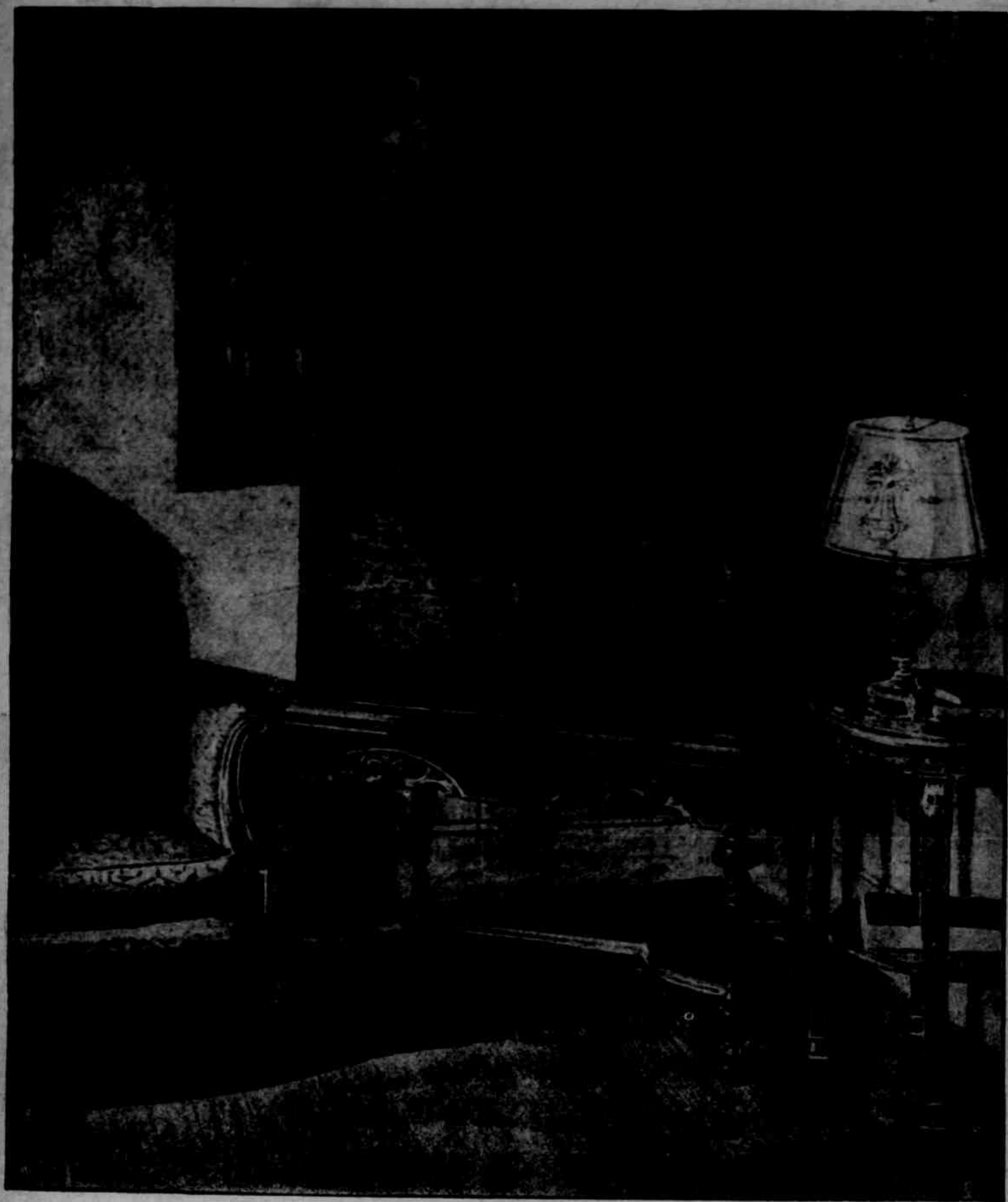
Como de vezes anteriores em que o interesse publico se tem voltado francamente para qualquer facto ou assumpto, a Soc. Anonyma "O Malho" aproveita o ensejo que lhe offerece a viagem de "Miss Brasil" a Galveston, para reaffirmar aos innumeros leitores de suas revistas a conta em que tem as suas sympathias. Assim é que, para acompanhar a eleita entre as mais bellas do Brasil, fez seguir no mesmo vapor de Olga Bergamini de Sá, acompanhando-a aos Estados Unidos, até Galveston, o director de "Cinearte" e redactor de "Para todos...", Adhemar Gonzaga.

Este nosso companheiro assistirá de perto a "Miss Brasil", de ida e volta dos Estados Unidos, recebendo as suas impressões de cada momento, colhendo documentação photographica de sua existencia a bordo e em Galveston, tudo remettendo opportunamente a "Para todos..."

Acompanhará a belleza nacional de Galveston a Hollywood, onde terá occasião de apresental-a aos mais famosos artistas cinematographicos, com os quaes Adhemar Gonzaga, como director de "Cinearte" e na sua anterior viagem á America do Norte, fez estreitas relações de amizade.

Para a realização completa deste programma, a Soc. Anonyma "O Malho" não quiz poupar sacrificios materiaes, certa de que nisto está empenhado o seu proprio renome. Habil photographo newyorkino, já contractado por $1 000, ou sejam 8:500$000 em nossa moeda, fornecerá ás nossas revistas toda a reportagem photographica attinente a este assumpto, de New York, Galveston e Hollywood.

SENTIMENTALISMO

Brasil Vieira poz a gravata
preta com unção
foi com o chapéo na mão
até a cathedral
ver o senhor morto na sexta-feira santa.
A coisa era tão perfeita, tão perfeita
que o Brasil Vieira acreditou mesmo
na morte recentissima de Jesus
ali mesmo na Praça Quinze,
e foi chôro pra não acabar mais.

JOSUE' DE CASTRO.

Para todos...

MARQUES REBELLO ESCREVEU

HISTORIA

J. CARLOS DESENHOU

D. Rosinha, que era nossa professora, só tinha uma phrase pra definir o Tutuca: este pequeno parece que enguliu o capeta. O capeta era o diabo e a D. Rosinha era a moça mais religiosa daquella terra, de maneira que a definição era altamente séria.

D. Rosinha tinha uma religião ao seu modo muito engraçada. Missa que não fosse das 5 horas não era missa pra ella.

— Um catholico fervoroso deve ter obrigação de acordar cedo, dizia.

Tinha preferencias escandalosas por determinados santos. Por exemplo: o primeiro alumno de sua aula trazia sempre no peito, pendurada numa fita azul, uma medalha que era Santo Antonio, emquanto que o segundo tinha uma medalha muito maior que era S. Geraldo. Porque na sua opinião Santo Antonio valia muito mais que S. Geraldo, razão, mais ou menos, de dois S. Geraldos pra cada Santo Antonio. Tambem a gurysada não era tão bôba que não soubesse fazer pilherias a custa das predilecções de D. Rosinha. E a gente dizia, de bocca pequena, que D. Rosinha gostava de Santo Antonio porque Santo Antonio era casamenteiro.

D. Rosinha era solteira mas tinha uma vontade damnada de se casar. Então, quando ella passava pra fazer em casa uma porção de contas e um verbo todo pra copiar, a gente, de raiva, infantil, ia á igreja do Rosario fazer ingenuas promessas á Nossa Senhora do Carmo, pedindo a ella que D. Rosinha morresse solteira.

Mas D. Rosinha era bôa e quando a gente tinha exame com o inspector, um sujeito alto, de oculos e medonho de mau, ella soprava tudo porque a gente não sabia nada.

No fim do anno ella dava sempre uma festa cheia de recitativos e comediasinhas que na terra chamavam de theatrinho; chorava muito quando chegavam as férias e enchia todos de premios: medalhas de santos, livros de historia, e copos dourados com palavras douradas: Amizade, Felicidade...

Uma vez ella sahiu do sério e deu ao Juquinha da Miranda, que tinha feito um exame muito elogiado pelo inspector, um estojo com reguas, lapis, canetas, borrachas e um copo complicado de aluminio pra beber agua.

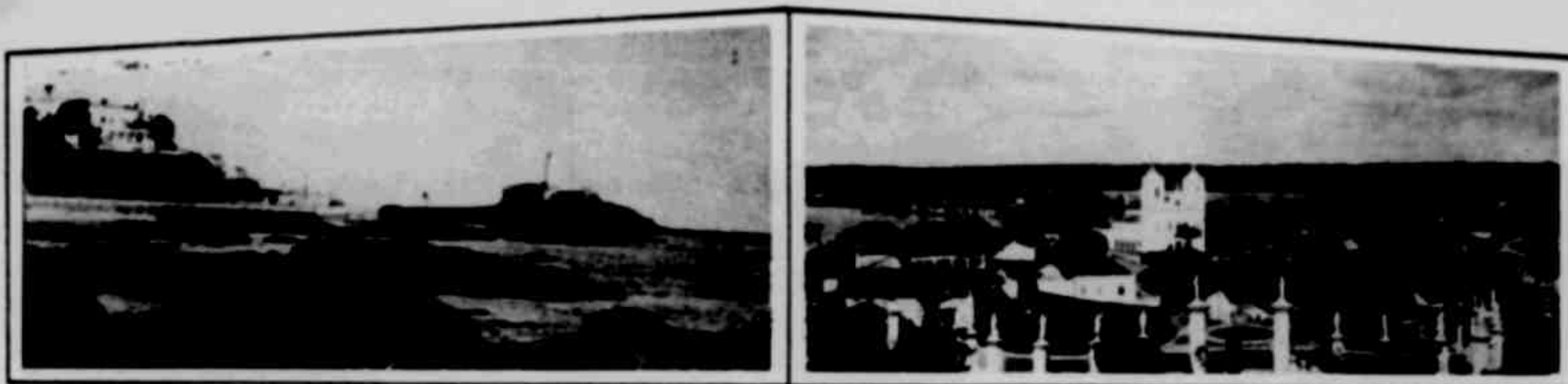
D. Rosinha tinha uma irmã chamada D. Martha. Era muito moça ainda e tinha uns olhos azues que todo o collegio namorava. Era muito fraca, muito leve, leve como uma penna, e parece que foi de tão leve que ella subiu ao céu.

Um dia, quando a gente chegou pra aula, o collegio estava fechado. A Marianna empregada de D. Rosinha, disse com os olhos vermelhos de tanto chorar, que naquelle dia não haveria aula porque D. Martha tinha morrido, só porque fizera muita força para puxar uma mala. O medico, que era Dr. Jorge, falou na pharmacia do seu Caetano — e o Nequinho ouviu — que ella tinha morrido do coração.

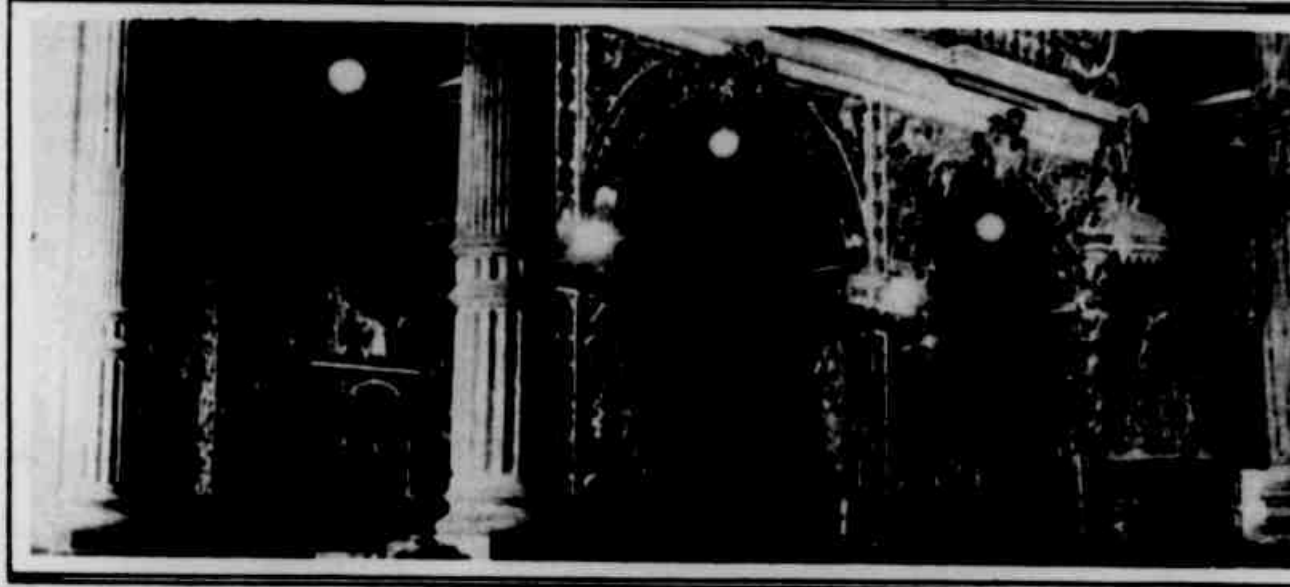
Nós fomos todos ao enterro della, de roupa branca, sapatos brancos, tudo branco, em filas, na frente do caixão, com flores na mão e um sorriso satisfeito nos labios. No cemiterio seu Juca tabellião, que era poeta, falou. Falou. Falou. E falou. Nós não comprehendiamos nada. D. Zulmira, a visinha de D. Rosinha, chorava muito desfiando um rosario.

E quando seu Juca acabou de falar começaram os coveiros a encher a cova de terra. Então D. Zulmira tirou-nos todos dali dizendo "que era um espectaculo muito triste". Nós sahimos muito contrariados porque queriamos ver tudo até o fim. D. Rosinha ficou muito acabada e nos deu oito dias de férias. Oito dias de férias! Naquelle bonito mez de Maio, em que as noites eram tão claras que a gente nem podia brincar de esconder!

— Por que, dizia o Joãozinho, o peor gury da aula, não morre seu Tatão tambem?

Seu Tatão era pae de D. Rosinha. Fumava cachimbo, tinha uma voz grossa que amedrontava, e sempre que acabavam as aulas e a gente sahia aos berros, elle agarrava a Dorinha, que era loura mesmo como D. Martha, com olhos azues como D. Martha, tão leve como D. Martha e lhe fazia, com os olhos cheios de lagrimas, uma porção de festas no rosto...

Entrada da Barra — BAHIA — Aspecto de Itapagipe

Palacio da Prefeitura — BAHIA

PALACIO RIO BRANCO NA BAHIA

EGREJA SÃO FRANCISCO NA BAHIA

A BONECA QUE MINAS DESENCANTOU...

QUANDO avançavamos pelo jardim que enquadra o "bungalow" risonho, levavamos a certeza de que iamos, não ouvir uma mulher mas conversar com uma boneca. E já phantasiavamos a sua belleza de estampa ingleza, a perturbadora immobilidade dos seus olhos feitos de pedaços do céo e todo o seu explendor de porcelana cara, quando uma boneca differente da do nosso sonho surgiu, animada e maravilhosa.

A que estava alí em nossa frente era sim, mais bonita que a que o nosso espirito idealisara, porque se não tinha nos olhos pedaços do céo, tinha o céo inteiro no seu azul mais puro. O ar de creança que está com médo e o geito de boneca que se levantou da caixa para espiar — Jesuina mergulhou a cabeça loira por entre as bandas da cortina de renda. E avançou, como um passarinho assustado, sorrindo, convidando-nos a entrar, offerecendo-nos um "mapple" e sentando-se em nossa frente, com toda a meiguice que Deus lhe pôz no rosto e toda a ternura que lhe deu aos olhos. E começamos a conversar na penumbra da sala discreta sob os trinados do canario que lá dentro desfiava harmonias, que tão bem écoavam no intimo da gente...

Jesuina Pimentel Marinho, a alma cantante dessa Minas lendaria que guarda nas suas montanhas o coração do Brasil, trouxe para nós o coração da terra em que nasceu e toda a belleza das suas paysagens e scenarios nos proprios olhos.

Vendo-a bem de perto como agora a viamos, a gente tem a impressão de que todas as mãos do céo requintaram em modelar-lhe a figura, porque, fixando-lhe o rosto não se sabe de conjuncto mais perfeito e mirando-lhe o corpo não se sabe de linhas de esculptura mais caprichosas e harmonia de contornos mais exacta. E ella propria sem querer, agora que curva a cabeça num instante, nos ajuda nesse exame a que a submettemos, mostrando-nos melhor o oiro dos cabellos, a alvura e a delicadeza da mão que nelles mergulha, o traço seguro do braço e a esbelteza do busto altivo.

Mas o expendor do espirito da mineirinha formosa, que se não lhe offusca o clarão da belleza exterior mais realce lhe empresta ás subtilezas interiores, nos empolga tambem e suas palavras, tanto quanto os seus olhos, nos fascinam.

Ella, as pernas cruzadas, sacudindo o pézinho no ar, nos conta o que foi a sua vida despreoccupada e feliz até ao dia em que a sua terra querida lhe abençôou a belleza, e o que tem sido desde que a gloria a envolveu no turbilhão estonteante.

Não tem queixa de ninguem, acha que todos são bons e que não ha ninguem mau no mundo. O seu grande pezar, a sua grande e infindavel amargura é vêr como ha destinos tão differentes e como o mundo é tão desigual!

E ella deixando cahir sobre os olhos a nevôa da mais desconsolada melancholia:

— Ah! Quando vejo um pobrezinho não avalia como soffro! Olho para mim, penso em mim e como é que eu tenho até aquillo que não quero e elle não tem nem o que precisa para viver? Confrange-se-me o intimo e evito de deixar o pensamento seguir o curso que essas emoções me provocam... porque se não evito acabo enchendo os olhos de lagrimas sem motivos para chorar!...

E a linda mineirinha sem comprehender como mais realçava a alegria do rosto com a tristeza das palavras:

— Tenho uma alma muito sensivel, uma alma que soffre tambem as dores dos outros...

Transfigurada, os olhos vestidos de alegria, de alegria vestidas as palavras tambem, Jesuina respondia assim á pergunta que lhe fizeramos:

— O automobilismo. Gosto immensamente de nadar, aprecio corridas de cavallo, mas o automobilismo é que me seduz.

Uma estrada alva que se deita a perder de vista — exerce sobre o meu espirito seducção irresistivel. E por ella afóra me lanço, sedenta de velocidade, vendo a distancia desapparecer á vertigem da carreira em que me embalo!...

Agora, vencido um breve silencio:

— E, curioso, essa minha loucura pela velocidade é um pouco do meu espirito porque já que não posso galgar, d'aqui, as alturas do céo...

E, rindo pelos labios e mesmo pelos olhinhos azues: ....

... Galgo os horizontes da terra!...

— Quando eu era pequenina? e a pequenina "Miss Minas Geraes" repetindo a nossa pergunta apertou os olhinhos para recordar...

— Sim... a sua brincadeira predilecta...

E ella revivendo a pequenina que mesmo agora não deixou de ser:

avançando para os cabellos dos outros!...

— Brigar! Eu sem mais nem menos estava

E, brejeira:

— E dizem que era valente!

Agora, olhando-nos de soslaio numa expressão irresistivel:

— Se era de verdade, não sei!...

E a seguir, noutro tom: — Mais tarde troquei as brigas pelos livros. Lembro-me bem, era gurya-sinha e estava sempre mettida na bibliotheca do meu avô lendo, lendo muito como uma professora em vesperas de exame... mas com os bolsos cheios de gulodices!...

— E' gulosa?

— De mais.

E rindo: — Por bonbons então eu sou doida!...

Ouvindo-nos e respondendo com uma pontinha de malicia:

— E' verdade. A vida é tão amarga!... Mas os bonbons são tão dôces!...

— Musica! A palavra por si já é uma canção, não acha?

E como achassemos, a mineirinha bonita continuou a responder á nossa pergunta:

— Acredite que eu não comprehendo a vida sem as ternuras da musica. E como penso assim vivo sempre derramando nos meus ouvidos os melhores sons... Quando estou sou e cheguei á ultima pagina do livro que estava lendo e ainda não abri a primeira do que vou lêr — abraco-me ao meu violão e tóco, minutos e minutos o meu modesto repertorio. Repito-o ás vezes, outras canto. Se canso do violão corro para o piano e quando os meus dedos cansam, a vitrola enche de sons a sala vasia...

— De todos os typos de musica, continuou, o que acima de todos aprecio, é o tango.

E um poema de emoção nos olhos:

— Ah! a "Comparsita"!... Que rythmos dolentes, que pedaços de alma em notas soluçantes!...

Jesuina silencia. Seus olhos se voltam lá para dentro do "bungalow". E sorrindo traz nos olhos lá de dentro a idéa que anima a phrase:

— Até de manhã bem cêdo acordo ouvindo musica!...

E como lesse uma interrogação em nossos olhos:

— A musica que mais me fala á alma. A do meu canario...

Jesuina, a linda representante da belleza de Minas como toda boneca amimada tem o seu estado-maior. Compõem-no a "Miss" — uma que já o era antes do concurso — o sibyll — e a travessa giselle nyrton. Cada um destes seus tres amiguinhos tem a sua proeza notavel que vive suspensa dos labios de Jesuina. A giselle — a encantadora priminha — toda vez que descobre os logares onde Jesuina enconde os "bonbons" que recebe — come-os todos, a um e um... O sibyll — o canario que ella acredita seja um principe encantado — quando passa um dia sem a vêr entristece e não canta mais. E a "Miss" uma alta e espectaculosa cadella policial vendo Jesuina sentada, procura-a arrastar até ao piano pedindo-lhe, os olhos supplices, qualquer coisa que só ella sabe o que é... Jesuina senta ao piano e toca as dolencias mornas da "Comparsita". A "miss" mal Jesuina fere as primeiras notas, estica-se no tapete felpudo, cerra os olhos e ouve as harmonias do tango com uma extranha e surprehendente volupia.

Fica assim minutos a fio como se comprehendesse todas as subtilezas da musica!...

Senhorita Jesuina Pimentel Marinho com o redactor de "Para todos..." Tres attitudes de Miss Minas Geraes.

E ella rematando:

— Para ser romantica assim, só mesmo tendo alma, não é?

"Miss Minas Geraes" nos conduzia agora ao terraço do "bungalow" — a sua linda caixa de boneca, copia fiel desses "bungalows" da Hollywood encantada. E nesse tom de cordealidade requintada com que nos recebeu discreteava, entre sorrisos, dizendo-nos que a côr da sua predilecção é azul marinho, a flôr da sua preferencia é o cravo, o typo de mulher que mais a agrada é o "fausse-maigre", os olhos que mais a encantam são os verdes e o contraste que mais a empolga é o das cabelleiras negras emmoldurando rostos pallidos. Da mulher, como do homem, tem noções muito precisas e por isso mesmo, inconfundiveis. Acha que a mulher só deve desempenhar na vida o papel que Deus lhe traçou desde épocas remotas: de alma e de força do lar. Do homem a eleita de Minas pensa que elle só sabe comprehender e dar valor ao seu papel, quando se devota ao trabalho com o ardor de um sacerdocio, collocando-o como o seu primeiro dever. O homem futil, que vive para as apparencias e que sacrifica aos caprichos da moda todas as suas obrigações — esse, para ella, occupa um plano secundario.

No seu espirito reside — isso ha muito — um grande desejo que é um pouco menos que um sonho e um pouco mais que uma illusão — conhecer a Italia. Toda vez que ouve falar nessa terra maravilhosa ella se interessa sempre perguntando, indagando cheia de curiosidade e na esperança de vir a satisfazer essa curiosidade, que muito a recommenda porque nasce, expontanea, do seu espirito investigador, voltado para os grandes segredos das civilisações mortas.

Os livros em torno da Italia que tem lido, ao invez de lhe acalmarem as impaciencias da anciedade ferida, mais e mais a açulam de modo que já considera uma grande conquista a promessa que o tio lhe fez de realizar-lhe o sonho maior em Setembro deste anno. Tudo isso Jesuina nos foi contando na sua doce linguagem que se torna encantadora pela simplicidade, pela precisão das imagens e sobretudo pelo seu metal de voz, que veste de harmonias suaves todas as palavras!...

— A minha tarde mais triste foi talvez a minha unica tristeza!...

E, attendendo á indiscreção da pergunta contou:

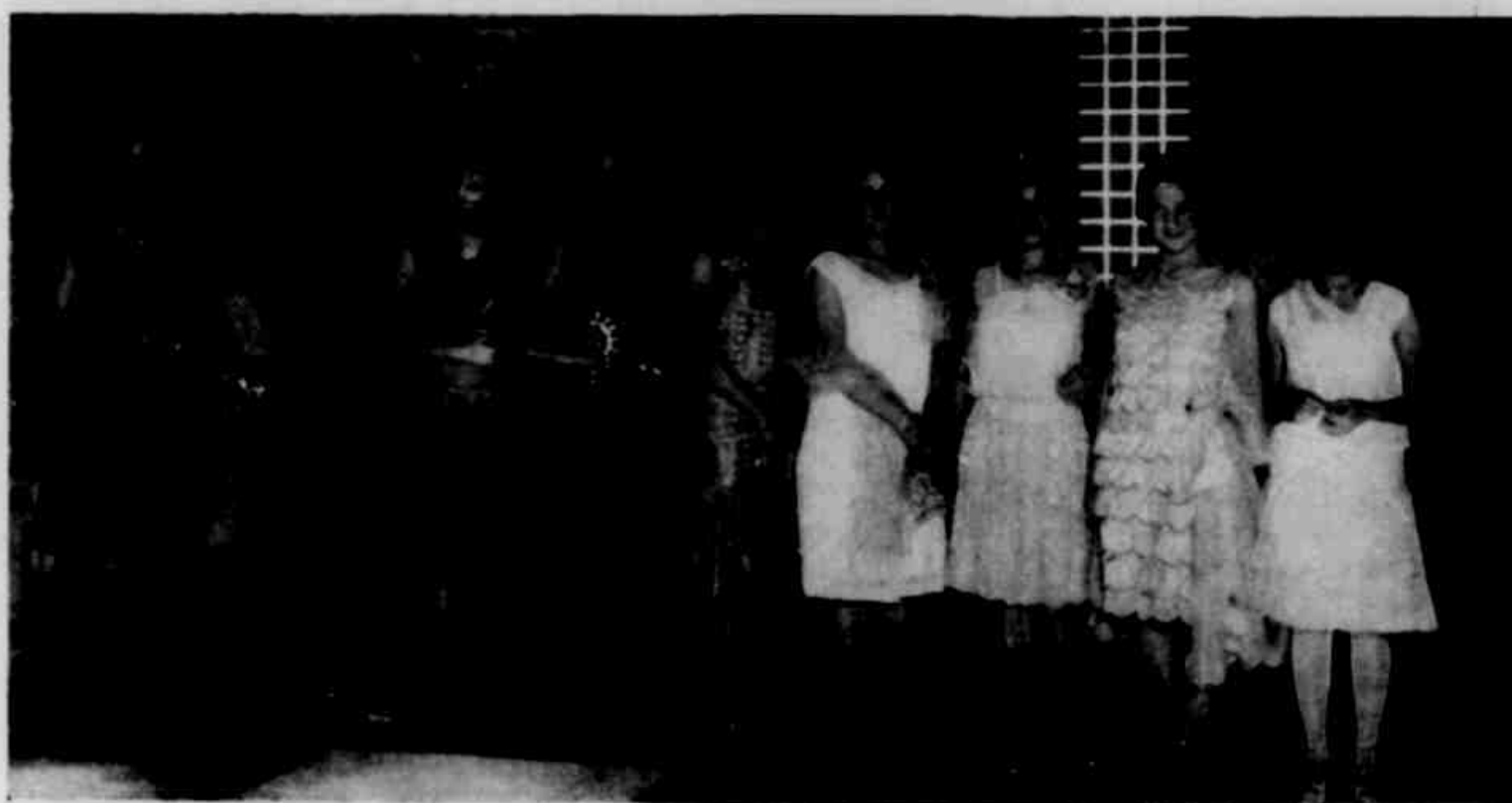
— Foi poucos dias antes da proclamação de "Miss Brasil". Eu por duas vezes tentara sahir de uma casa de calçados da rua Uruguayana sem o conseguir, tão compacta a massa de povo ali estacionada. As horas, entretanto, corriam. Ficava tarde e eu tinha de partir.

E, sem um gesto, sob o lampejo dos olhos, continuou, dizendo, que resolveu avançar. Ia já em meio da calçada, vencendo com difficuldade a multidão que não abria claros á sua passagem, antes mais e mais se comprimia, quando lhe surgiu, a mão extendida, uma pobre mulher. Jesuina teve desejos de abrir a bolsa e dar-lhe uma esmola, mas os atropelos do momento, o ajuntamento, o receio de demorar abafaram-lhe os gritos do coração. E já dentro do automovel, arfando, livre da tortura deliciosa de expontanea manifestação popular, Jesuina sentiu crescer-lhe no intimo uma

(Termina no fim do numero)

MISS
MINAS
GERAES

Sabbado da outra semana

Instantaneos do baile de inauguração dos salões e do busto do presidente, Dr. Carlos Guinle. Foi uma grande

festa que abriu brilhantemente a estação elegante deste anno. Miss Bahia e Miss Pará estiveram presentes.

no Automovel Club do Brasil

AVÓSINHA

por Cecilia Meirelles

SOB a sombra da tarde, a criança chorosa gemeu: — **Avózinha, está escurecendo e nós não temos oleo para a lampada! Mas** a avózinha era tão velha e tão pobre! A avózinha balbuciou a tremer:

— Que é que se ha-de fazer, netinho?

E a tarde foi se tornando muito escura, porque as nuvens negras alargando-se das montanhas alastraram-se por todo o céo.

— Avózinha, queres que eu vá lá em abaixo? Queres que eu te compre o oleo?

E o pequeno, de olhos afflictos, contemplava a cidade accendendo-se na distancia...

— Está escurecendo tanto! Vae ficar noite... E os santos sem luz, avózinha! Tenho medo...

A velhinha suspirou desilludida:

— Tu não pódes ir lá em baixo, netinho... Ainda és muito pequeno...

— E tu, avózinha, por que não vaes?

A avózinha, tremula, tremula, entristeceu mais e, baixando a pobre cabecinha branca, balbuciou:

— Ah! netinho... netinho... Eu já não posso mais descer á cidade... o meu coração me diz que nunca mais tornarei lá...

O pequeno abraçou-se á avózinha, escondeu-se-lhe no peito que a velhice cavara e gemeu baixinho, com a sua innocencia, com a sua amargura:

— Não, avózinha, não digas isso, não... não digas mais... nunca mais...

Ao longe, a cidade scintillava toda accesa. Mas sobre a avózinha, sobre a sua casa humilde, sobre o seu menino cheio de medo a noite baixou cada vez mais sombria e do céo, forrado de nuvens grossas, não vinha um raio de lua, uma claridade de estrella.

Mal se ouviu gemer outra vez o menino:

— Os santos vão ficar sem luz, avózinha...

E ella respondeu:

— Socega, meu filho, socega que os santos hão de nos perdoar... Elles bem sabem que esta pobre velha não os esquece nunca, tem-nos sempre no pensamento e no coração...

Como estavam sentados á soleira da porta, o pequeno, levantando o corpo, afundou o olhar no interior da casa, completamente silenciosa, toda negra, com uma expresão tão profunda de morte que elle de novo se affligiu... E voltou a chorar mansamente:

— Avózinha, tão triste, a casa assim! Não podemos caminhar lá dentro... Temos de passar a noite aqui?

E a avózinha com um fim de voz balbuciou, chegando-o para si:

— Descança, meu netinho, descança... Emquanto esta velha teve forças... forças para ir mendigar, nunca deixou de trazer oleo para os seus santos... Elles bem sabem disso...

— Ah! Avózinha... Eu te ajudo! Vamos... Eu mendigarei por ti...

Mas o céo escureceu completamente e a avózinha mal póde balbuciar:

— Netinho, é muito tarde... Ninguem faz esmolas a esta hora... Encosta-te a mim... Não tenhas medo...

E o menino dizia:

— Já não te vejo, avózinha! Como está escuro! O céo não tem uma estrellinha, uma só!

A avózinha não respondeu mais.

Elle pensou que era o somno que a emmudecia: não disse mais nada e dormiu.

No dia seguinte, porém, quando acordou ella estava pallida, fria, sem olhar e sem voz.

E a criança clamou:

— Avózinha! Avózinha! Os santos são vingativos! Os santos mataram-te! Os santos querem luz, querem luz! Avózinha do meu coração!...

E precipitou-se para a cidade, lá longe, para mendigar uma gotta de oleo, uma gotta de luz e offerecel-a aos santos...

Murmurava, a correr:

— E' para a alma da avózinha... Para que os santos lhe perdôem... Para que os santos a recebam...

Intimamente, a sua grande esperança era acordal-a de novo, era fazel-a reviver. Mas ninguem lhe deu nada... Os santos ficaram sem luz... A avózinha ficou morta para sempre...

E elle nunca mais foi feliz...

ACTO UNICO

A' esquerda alta, angulo de muralha arruinada; entre as guirlandas de hera, apparece pesada porta, provida, em cima de postigo praticavel, para a moradora attender aos que a procuram. Ao lado da porta, a argolla da aldrava. A' esquerda baixa, mesa tosca com dois mochos. Na parede, um nicho onde se encaixam bilha de agua e caneca. Ao fundo, o horizonte, apparecendo nas cinzas da distancia a torre do burgo longinquo. A' direita, a estrada que serpeia e desapparece em direcção ao povoado. E' ao entardecer. Ouvem-se plangencias remotas de Angelus.

Scena 1

PASTOR, MENESTREL, TRES MULHERES TRISTES

Diante do nicho, tres mulheres embuçadas em seus chailes, tomam da agua da bilha. Depois, se afastam, curvas, silenciosas, uma atraz da outra, como sombras; em seguida, um pastor vae á bilha e tambem se dessedenta. Ao sahir, tira o chapeu diante do postigo e se dirige a quem deve estar lá dentro.

PASTOR

Que Deus vol-a agradeça. Esta agua deixa a gente
Como se fosse pedra. E nunca mais se sente
Cá por dentro, queimando, a brasa de uma dor.

(Vae sahir, mas encontra um moço indeciso, que parece ter chegado de longe)

MENESTREL

Habita por aqui, meu velho?

PASTOR

Sim, senhor.

MENESTREL

E me sabe informar quem vive nesta lura?

PASTOR (com receio)

Eu... não vos sei dizer.

MENESTREL

Pois eu ando á procura
De alguem que dores tira, assim como quem colhe
Rosas numa roseira.

PASTOR

Ai, ai! As dores...

MENESTREL

Olhe
Longe daqui, ha tempo, um velho cavalleiro
Me descreveu assim o confuso roteiro:
"Quando a estrada virar e surgir no horizonte
O burgo, escutareis o choro de uma fonte;
Vereis uma muralha esverdeada e nella
A porta que conduz á interdicta capella;
Batei e se abrirá" — Assim me disse um dia
O velho cavalleiro errante que trazia
Uma rosa a luzir na cruz da sua espada.
Deve, pois, ser aqui.

PASTOR

— Eu já o suspeitava...
Que ides fazer?

MENESTREL (indo á porta)

Puxar a argolla áquella aldrava.

PASTOR (sae penalizado; fóra, ouvem-se as campainhas das cabras e a voz do homem) :

Eia! Prá frente! Andai!

Scena 2

A MAGA E O MENESTREL

(O Menestrel vae á porta, puxa a argolla pendente e lá dentro se escuta a batida de uma sineta).

A VOZ DA MAGA

Quem bate á minha casa?

MENESTREL

Um que vem de longe e a quem a sêde abrasa.

MAGA (ao postigo)

Quem sois vós que falaes repassando de mel
As coisas que dizeis?

MENESTREL

Ninguem: um menestrel
Que passa.

MAGA (fecha o postigo e vem ter com o desconhecido.

Um menestrel que passa... Alguem que vive
Como quem desce e canta ao longo de um declive.
Errastes vindo aqui. Tomae aquella estrada
E logo chegareis á povoação. Em cada
Casa aberta, achareis o farto bródio posto,
A terna codea branca e o inebriante mosto.
E ao som do banjo que desfolha malmequeres
Bailarão ao luar, nos páteos, as mulheres.

MENESTREL

Não. Eu venho de longe unicamente para
Beber daquella fonte occulta a limpha clara
Do silencio e do olvido. Eu preciso bebel-a.
Por sobre a vossa bilha aurifulge uma estrella
Que nos faz esquecer a corôa de espinhos.
Vêde. Cobre-me o pó de todos os caminhos.

MAGA

Assentae-vos ali, descansáe.

MENESTREL (sentando-se á cavalleira de um mocho)

MAGA

Chegaes de muito longe?

MENESTREL

Eu venho do outro lado
Daquella linha azul.

MAGA

Das terras onde o gelo
Engrinalda os pinhaes?

MENESTREL

Não. De outras terras pelo
Resplandecente sol banhadas, mais ao centro.
Cidade que desceu, cantando, mar a dentro.
Alta noite, ao luar, a serenata ronda...
Vae-se á janella. Tudo é calma. Nem a onda,
A vela peregrina, ou o pharol perdido
Quebram a solidão do golfo adormecido.
Quem cantará? Ninguem. Ninguem a voz le-
[vanta...

MAGA

Ninguem?!

MENESTREL

Ninguem. E' o mar, o proprio mar que canta.

MAGA

Continue.

MENESTREL

De manhan á noite, as oliveiras

Que se alongam na costa em compridas fileiras
Têm guisos de cristal. São liricas fanfarras.

MAGA

As arvores tambem?!

MENESTREL

Milagre das cigarras...

MAGA

Descreio desse mal que assim vos dilacera,
Junto ao mar, ao sol, em plena primavera...
Que fazem lá no sul as mulheres formosas?

MENESTREL

Ai de mim!

MAGA

Nos balcões já não florecem rosas?

MENESTREL

Ai de mim!

MAGA

Que tristeza o rosto vos ensombra!

MENESTREL

Eu soffro de amor.

MAGA

Por quem?

MENESTREL

Por uma sombra.

MAGA

Céus!

MENESTREL

Eu vol-o direi.

MAGA

Contae! Contae!

MENESTREL

Ouvi.
(Pausa. Fica a lembrar-se uma aria já ouvida, alhures)
Firuli... Firulá... Firulá... Firuli...
(Volta á realidade, põe-se a contar a aventura)

Certa noite cheguei á porta de uma herdade.
Sentia tanta febre e uma tal anciedade
Que á voz do camponez que perguntou — quem vive? —
Tombei por terra e, alli, a noite inteira estive.
Ao acordar, porém, achei-me numa cella
Carmezim, com florões dourados e tão bella
Que pensei: — Isto é a febre! Eu deliro! — No entanto,
Moveu-se uma cortina e logo após, do canto,
Surgiu uma mulher, calada, que trazia
Vinho. Perguntei-lhe mil coisas. Ella ria
Sem nada responder. Concluida a merenda
Reintegrou-se, a rir, na cortina de renda.
Lá fóra, pardejava. E, no campo lilá,
A gaita pastoril: — Firuli, firulá...
Certa noite senti, na sombra, um passo leve
De alguem que caminhava. Estremeci. Em breve,
Appareceu por traz da prateada cortina
Uma joven mulher tão pallida, tão fina,
Tão loura, tão gentil, que fui, sem saber como
Ajoelhar-me a seus pés num tresloucado assomo,
Beijar-lhe a fimbria leve e a ponta dos chapins.
Ah! Que noite de amor perfumada a jasmins!
Quando acordei, o sol, como um demonio louro
Pendurava clarões nas grandes médas de ouro;
A muda serviçal, com seus vestidos malva,
Trazia carne, pão e vinho numa salva
De xarão; e, lá fóra, enternecido, ouvi
A gaita do pastor: — Firulá, firuli...
Deliciosa prisão! Jamais um prisionero
Bemdisse a ferrea grade, o duro carcereiro,
Como eu bemdigo os que, naquella herdade,
Pagaram com amor a minha liberdade.
Na mysteriosa cella, eu, conformado grilheta,
Passava a tarde inteira olhando o céu violeta,
Na ansia do anoitecer, para ver, na cortina
De rendas, a mulher, tão pallida, tão fina,
Tão loura, tão gentil, cujo nome não sei,
Mas que me teve amor e a quem eu adorei.
Uma noite, porém, a cortina rendada
Não se moveu na treva. Ao vir da madrugada,
Sonhei que a espiral de fumo da caçoula
Continha dormideira, o succo de papoula.
Somno pesado aquelle! Um somno de tal sorte
Que devia roçar os áditos da morte.
E o despertar, então? Achei-me de repente
Na volta de um caminho, ao pé de uma corrente,
Pedra por travesseiro e grama por por alfombra.
Uma arvore me dava a esmola de uma sombra.
Ergui-me a custo e fui, a caminhar incerto,
Como quem se perdeu no meio do deserto,
Em busca do solar, da recámara escura,
Do meu estranho bem, da saudosa clausura,
Da transparencia cor de prata da cortina,
E da velha canção da gaita campezina
Que não posso lembrar — e quem na lembrará? —
Firulá, firuli... Firuli, firulá...

MAGA

Nunca mais encontrou aquella estranha gente?

MENESTREL

Nunca mais.

MAGA

E porque não tenta novamente?

MENESTREL

Nunca mais consegui pensar em outro assumpto;
Onde quer que me veja, a saudade está junto;
Qualquer coisa que eu mire ao meu olhar se apaga
E fica em seu logar uma figura vaga,
A sorrir, a sorrir... A leve forma flue...
Abro os braços, aperto... E a visão se dilue.
Eu venho supplicar um pucaro da agua
Que lava para sempre a mais dorida magua.
Senhora, eu vol-a peço!

MAGA (indo á bilha)

E eu vol-a dou, mas devo
Prevenir-vos de que perdereis todo enlevo
De viver. Quem mais vibra é aquelle que mais soffre.
E vós quereis fechar, a chave, o vosso cofre.

MENESTREL

Eu não quero soffrer.

MAGA

Mas aprendei, senhor,
Que alegria não é antithese de dor.

MENESTREL

Senhora, por piedade!

MAGA (dando-lhe a beber)

Assim, vós a pedistes...

MENESTREL (erguendo o pucaro)

Adeus, ó lentidão das minhas horas tristes!

MAGA

Que tal?

MENESTREL (numa introspecção)

Sinto-me bem. Foi como se apagasse
Uma lampada azul, como se apaziguasse
Essa luta que vem das origens da vida.
Sou alguem que parou em meio da subida.

(Termina no fim do numero).

NO BOTAFOGO FOOT-BALL CLUB

A FESTA **DAS BONECAS**

S O C I E D A D E

O domingo ultimo, chuvoso, com um nevoeiro que até parecia "fog", foi delicioso no Country Club.

Todo o nosso mundanismo lá estava. Desde 5 horas da tarde ás 8 da noite, houve uma verdadeira parada de elegancia.

Lá estavam: a pianista Maria Antonia, recem-chegada da Europa, onde colheu novos triumphos, a belleza scintillante da senhorita Vera Roxo, os dois bellos modelos de Chanel das senhoritas Portocarrero, o lindo sorriso da senhora Paulo Bettencourt, a adoravel figurinha de Watteau que é a senhorita Helena Guimarães, e mais ainda as senhoras Alberto de Faria Filho, Fernando Nabuco de Abreu, Cezar de Mello Cunha, Baldassini, Cezar Proença, Ignacio Nogueira, senhoritas Sonia Burlamaqui, Gilda Bandeira, Teixeira Soares, Julia Pereira de Souza, Dóra Burlamaqui, Candido Mendes, etc.

No proximo dia 2 de Junho haverá o primeiro jantar dansante no adoravel club de Ipanema.

—

Segunda - feira passada, dia do anniversario da Independencia de Cuba, o senhor Ministro e a senhora Barnet y Vinazeras offereceram uma linda recepção ao corpo diplomatico e á sociedade carioca. A' elegantissima reunião compareceram, entre outras pessoas: senhor e senhora Octavio Mangabeira, senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Antonio Azeredo, senhor, senhora e senhorita Augusto de Lima, senhora Flavio da Silveira, senhor e senhora H. Santos Lobo, senhora Ayres da Fonseca Costa, senhor e senhora Ouro Preto, senhor e senhora Ronald de Carvalho, senhor e senhora Almirante Penido, senhoritas Celina e Ciçone Portocarrero, senhoritas Candido Mendes, etc.

Senhora Paulo de Bettencourt com sua filhinha Sybil-May

A inauguração do "Coq d'Or", primeira "boite de nuit" que o Rio vae ter, será a grande nota elegante desse começo de estação. O "Coq d'Or" será o unico logar existente no Rio onde a gente se poderá divertir num ambiente agradavel e de bom gosto. Terá o aspecto das "boites russes" de Paris. A noite de abertura coincidirá, talvez, com a estréa da Companhia de Milton, no Lyrico, a 5 de Julho. A gerencia fará distribuir convites, afim de que as noites do "Coq d'Or" sejam perfeitamente elegantes. Artistas russos cantarão canções regionaes de seu paiz e o "Praichai !"

"Praichai !" será entoado aqui como no "Casanova" ou no "Sheerazade" de Paris.

Para as dansas, um magnifico "jazz".

A decoração e a illuminação obedecem a um extraordinario bom gosto.

O "bar" ao lado da sala principal será, naturalmente, um dos grandes successos do "Coq d'Or".

A distribuição de convites começará a ser feita no principio do mez de Junho.

E' immensa a curiosidade do nosso mundo elegante pela primeira noite do "Coq d'Or".

VICTOR VICTORINO.

●

NOIVADOS

Com a senhorita Milucha, filha da senhora D. Maria Amelia Maia Menezes e do Dr. Augusto Bettencourt C. Menezes, chefe do gabinete do senhor Ministro da Viação, contractou casamento o Dr. Mario Jorge de Carvalho, director e cirurgião chefe do Hospital do Lloyd Industrial Sul-Americano.

MARIO MAGALHÃES

Seguiu para Bello Horizonte, na terça-feira, o nosso confrade Mario Magalhães, ex-director d'"A Noite" e d'"A Reacção", e que ultimamente secretariava "A Patria".

Vae agora assumir a secretaria d'"O Estado", de Minas, que será transformado em um grande jornal de feição moderna.

Desejamos-lhe felicidades.

Com Eva Schnoor
Carlos Modesto

O perfil de Olga Bergamini de Sá

O sorriso de Olga Bergamini de Sá

Jogando

A Viagem de Miss Brasil para Galveston

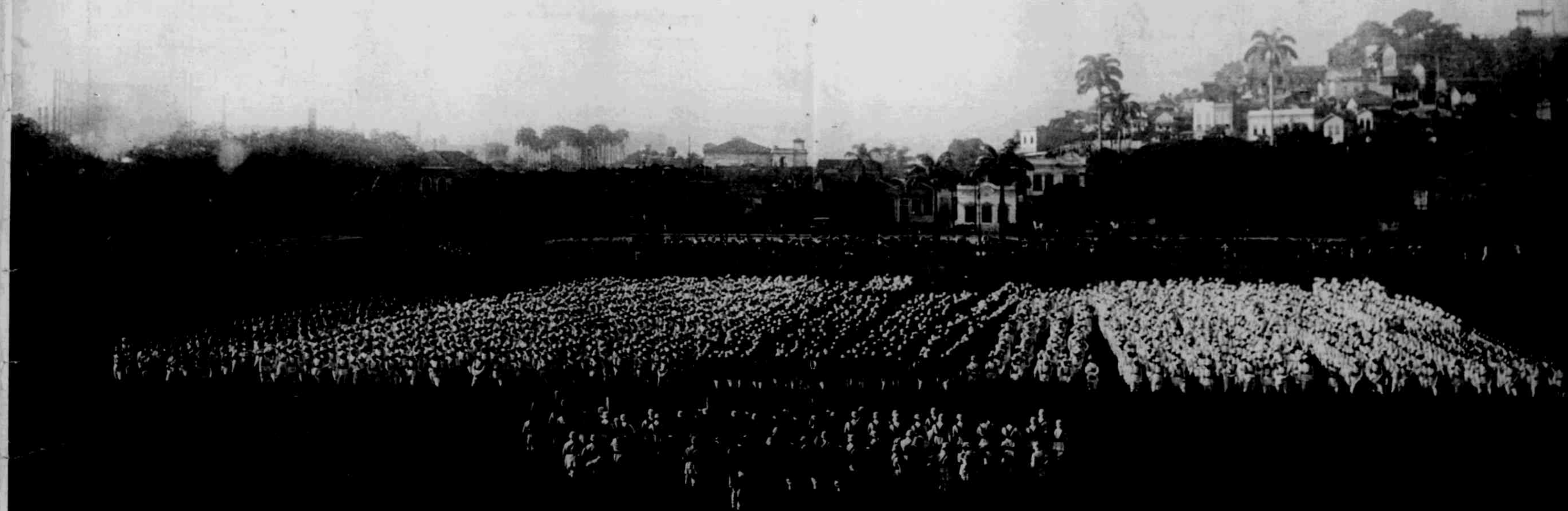
Posando

(De Adhemar Gonzaga, enviado especial de "Para todos...")

INSTANTANEOS A BORDO DO "WESTERN WORLD"

MISS BRASIL RECEBIDA FESTIVAMENTE PELA SOCIEDADE BAHIANA

Photographias tomadas para a nossa revista no porto da Cidade do Salvador

(No grupo á direita está Adhemar Gonzaga, representante de "Para todos...")

JURAMENTO Á BANDEIRA DOS NOVOS CONSCRIPTOS DO EXERCITO NO DIA 13 DE MAIO E NO CAMPO DE SÃO CHRISTOVAM

No Club dos Bandeirantes: Miss Paraná entre Miss Rio Grande do Sul e Miss Minas Geraes quando foi o mate que lhe offereceu a directoria.

Palavras

Lenhador, dá-me o teu machado,
Perfumado,
Das resinas das arvores amigas,
Que eu te darei a penna com que escrevo
Minhas cantigas.

Escuta, amigo, dá-me a tua choça,
E a rêde branca de dormir,
Que eu te darei em troca o meu palacio,
Meus escrinios, meus pagens, e meus carros
Para te conduzir !...

Dá-me a viola de pinho com que cantas
Tuas trovas de amor,
E eu te darei a minha lyra de oiro,
E os applausos dos homens das cidades,
Lenhador !...

E o lenhador olhando a sua choça,
Amoroso, feliz e commovido,
Proseguiu contra as arvores batendo,
Como se eu lhe falasse lingua estranha,
E não fosse entendido...

A D E L M A R T A V A R E S

Didi Caillet no palco do Lyrico ao fim do seu acclamadissimo recital de declamação

Chega o tempo dos pagodes,
Desce o inverno sobre o Rio,
E a mulher do Brederôdes
Quer comprar roupas pro frio

Ouve cá, diz-lhe a santinha,
Lançando-lhe um olhar terno:
Tua pobre mulhersinha
Não tem vestidos de inverno.

Vão prás lojas, compram tudo
E mais aquillo e mais isso,
Brederódes, o lanzudo
Vae pagando que é serviço.

E compléta a sorte amarga
Pra que não haja barulhos,
Bancando o burro de carga
Com mais de cincoenta embrulhos...

Mas na hora da sahida
Como a moda preceitúa
Lá fica a roupa esquecida
E a mulher vae quasi núa...

LAGO DE PRATA

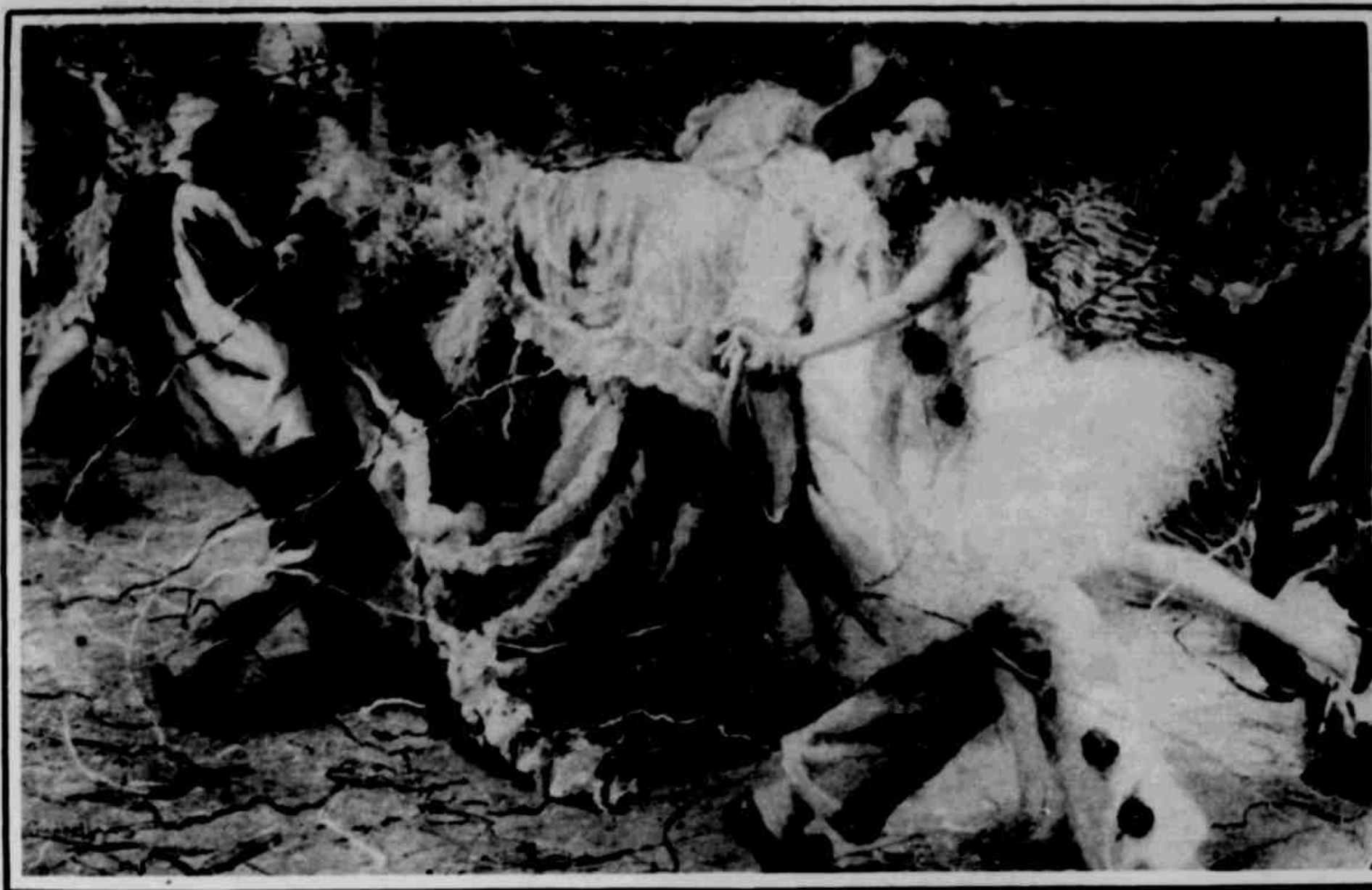
BOSQUE DE JEQUITIBÁS

C A M P I N A S   S Ã O   P A U L O

(PHOTOS HAROLDO)

COLONIA DE PSYCHOPATHAS EM VARGEM ALEGRE

No centro, o professor Alfons Jakobs, de Hamburgo, com sua familia, em visita á colonia de Psychopathas.

Em cima: residencia particular do director, Dr. Waldemar de Almeida. Em baixo: lanterna, um lindo arbusto.

"EM PLENO CARNAVAL" — DE RODOLPHO CHAMBELLAND

"O VOTO DE HELOISA" POR PEDRO AMERICO

TIRADENTES DE ADALBERTO MATTOS

Arte Brasileira

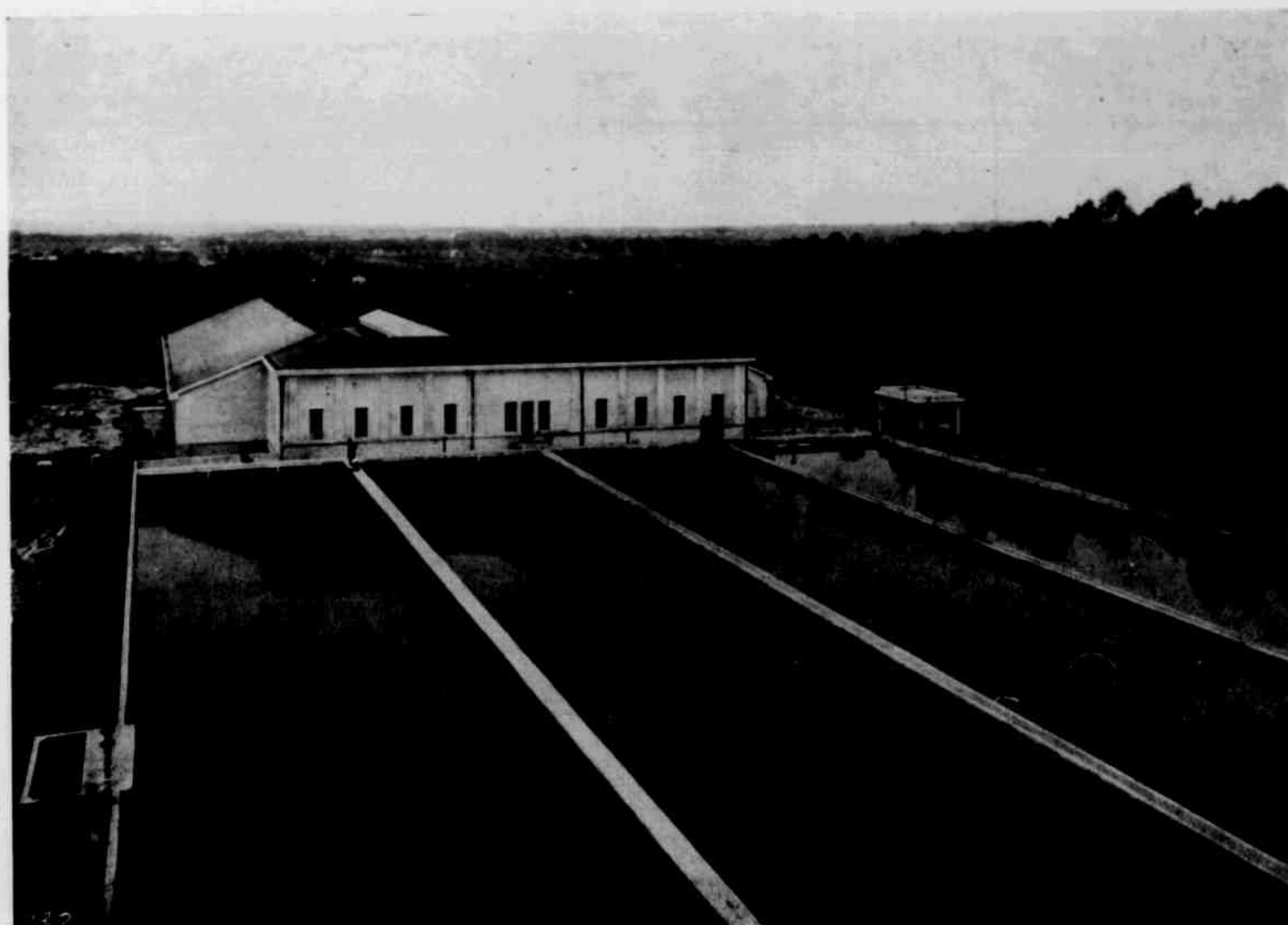
PLACA DO BARÃO DO RIO BRANCO POR BENEVENUTO BERNA

BERTA SINGERMAN junto do pavilhão do Brasil na Exposição de Sevilha com o delegado do nosso paiz

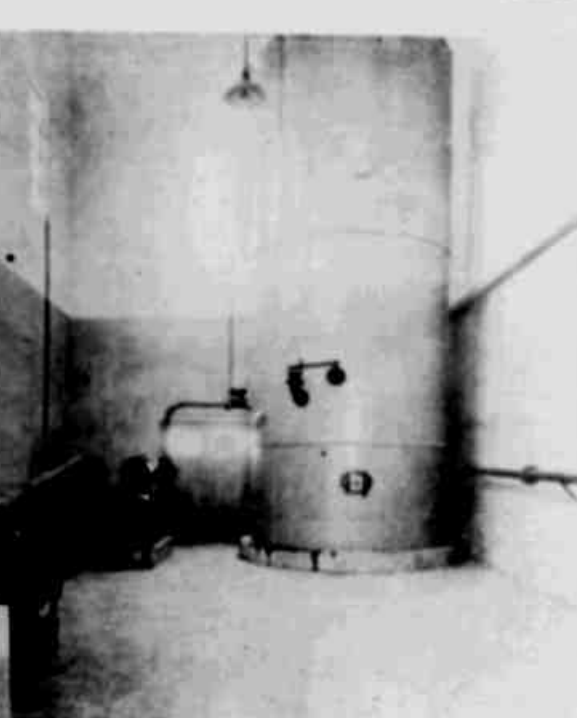
SÃO PAULO JA' ESTA' ABASTECIDA DE AGUA

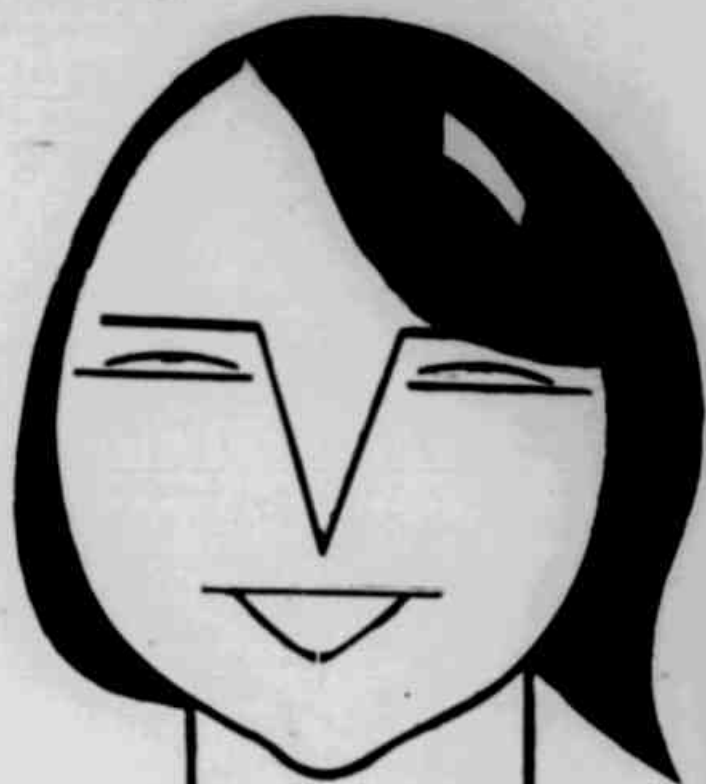
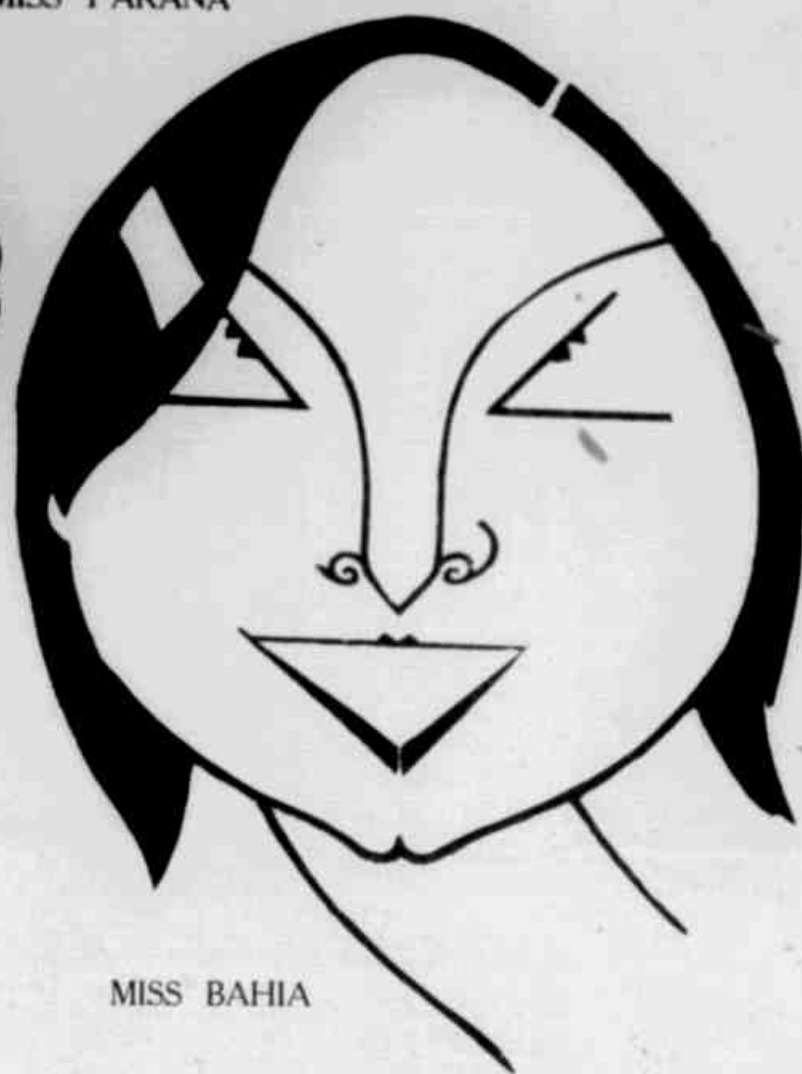
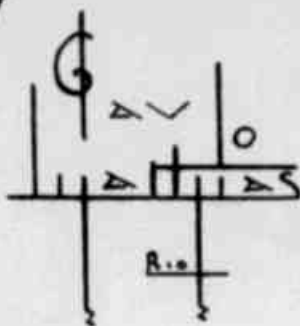
Varios aspectos da inauguração da grande adductora de Santo Amaro, vendo-se o Sr. Presidente Julio Prestes, chegando, falando e ouvindo.

O Sr. Presidente Julio Prestes e sua comitiva percorrendo as installações do novo serviço de aguas, antes da inauguração.

Os tanques da decantação e a casa dos filtros.

Interior da estação elevatoria.

Saturadores de agua de cal na casa de tratamentos chimicos.

O hall da casa dos filtros, vendo-se os apparelhos de manobra

A adductora de Santo Amaro custou 8.900 contos, inclusive a apparelhagem para tratamento chimico da agua, e foi construida em 11 mezes. Fornece 86 milhões de litros diarios, que, para o futuro, serão duplicados mediante uma despeza de 6.500 contos. E' o maior melhoramento que o governo paulista podia prestar, neste momento, á capital do Estado

CARICATURAS
DE
PAULO MATHIAS
MISS BRASIL
MISS PARANÁ
MISS FLUMINENSE
MISS BAHIA

GELTA
FILHA DO SR. VITAL RODRIGUES BAIROS. — RIO
(Photo de los Rios)

MAILA
FILHA DO SR. OCTAVIANO PAIVA. — ALEGRE. ESPIRITO SANTO
(Photo Brasil)

SENHORA VITAL DE OLIVEIRA

(Photo de los Rios)

INAH e NEUSA REIS — RIO
(Photo Musso)

Christovam de Camargo é, além de literato, industrial e tem o seu escriptorio num dos arranha céos do quarteirão Serrador.

Um homem de letras, advogado, que tambem discute industria deve ser atarefadissimo. Não obstante, tratei de procural-o para que dissesse aos leitores do "Para todos..." algumas palavras sobre elegancia.

— Uma entrevista sobre elegancia?—indagou o illustre "conteur" entre surpreso e agradado. E, logo, num ar de desprendimento pouco natural:

— Ah! pensei que fosse sobre as difficuldades de se encontrar na praça ferro puro para o fabrico de certas peças de material electrico. Seria mais interessante. Emfim, vamos ao que deseja. Se me permitte, dou ainda uma palavra ao gerente, com quem discutia, quando chegou, certas contas de materias-primas, e fico ás suas ordens.

Pouco depois Christovam de Camargo pedia-me que passasse ao outro gabinete, e, installados em confortaveis "maples", principiou elle a conversa por um:

— Fuma?

— Ainda não...

— Se consente, fumarei.

Acquiesci com um sorriso lembrando-me de certo amigo meu que costuma dizer coisas muito bonitas quando espia as fumaças do seu cigarro.

Depois de accender o cigarro com um isqueiro que falhou algumas vezes, o meu entrevistado disse:

—Sobre elegancia, que poderei dizer-lhe? E' cousa que pouco me preoccupa.

CHRISTOVAM DE CAMARGO

Alguns dos seus entrevistados falaram sobre elegancia moral. E' assumpto muito vasto e complexo. Aliás, para uma secção de moda como a que com tanta finura dirige no "Para todos..."

— Vejo que adula de corpo presente...

—... parece-me mais consentaneo tratar da elegancia exterior...

— "All right!"

—... de roupas e de maneiras. Dir-lhe-ei preliminarmente que, como brasileiro, não posso deixar de ser deselegante...

— Como assim?

— E' que sómos horrendamente deselegantes. A elegancia é muito uma questão de raça, de tradicções e nós não temos raça nem tradicções.

— Como não temos tradicções? Exaggera. Ainda ha dias li de João Ribeiro um artigo sobre "O Tupi na Tradicção" artigo que elle começa dizendo estar convencido "de que não passa de artificio literario o simulado respeito pelas tradicções". O que, para o seu caso, eu emendaria: não passa de artificio literario affirmar que não temos tradicção...

— Escute. Nação nova, nessa pressa ansiosa de firmarmos materialmente a nossa situação no mappa, não podemos exhibir esse refinamento de maneiras proprio de civilizações já radicadas no planeta. Temos ainda muito que fazer por atacado, para nos occuparmos com pequenos detalhes de bom gosto. Tratamos agora da nossa installação em linhas geraes: afastamos os moveis do meio da sala, penduramos os lustres e amontoamos as jarras e "bibelots" a um canto. Quando ha tempo damos uma vassourada no lixo grosso. O que é preciso é desimpedir o assoalho para podermos trabalhar. O mais virá depois. Só muito tarde é que nos sobrarão lazeres para ver com segurança o logar em que devem ficar os quadros e escolher as tapeçarias. O que é preciso é tomar conta da casa já e já e começar a trabalhar para poder pagar o aluguel. Ha muito boa gente que tem a nossa casa de olho... Somos muito exuberantes, falamos alto nas ruas, não conservamos o "contrôle" dos nossos gestos. Seremos distinctos, se quizer, mas de uma distincção, como direi... tropical.

— E nas roupas?

— Nem me fale. A suprema elegancia para nós consiste em adoptar, exaggerando-os, os usos, que o primeiro alfaiate extravagante lançar no estrangeiro. Houve um tempo em que estavam na moda os sapatos de bico fino. Os nossos elegantes suburbanos — nesse ponto somos suburbanos, mesmo em Botafogo, mesmo em Copacabana — andavam com um peixe espada em cada pé. Veja o que fizemos e ainda continuamos a fazer com os paletots curtos e as calças largas!

A' minha expressão de espanto, Christovam de Camargo proseguiu: — E' difficil exprimir-me nesse ponto com clareza. o homem elegante sente-se mas não se define. Sempre que uma peça qualquer do vestuario de um homem lhe chamar a attenção, esse homem não estará elegantemente vestido. O homem elegante usa um chapéo igual aos outros, uma gravata commum, sapatos como o *premiér venu*. Tudo isso da melhor procedencia, está claro. Esse homem attráe agradavelmente...

—... pela elegancia...

—... sem que se possa destacar o talhe do collete, o feitio do collarinho ou a grossura da bengala. Está vestido como todo o mundo. Mas que differença entre elle e os outros que passam ao lado!

— De sorte que, entre nós, esse passaro azul...

— Só raramente apparece. Analyse um pouco os nossos elegantes classicos, esses que são apontados pelos chronistas como modelos. O chapéo dá logo na vista, pelo tamanho das abas ou pelo modo de ser amarfanhado. Veja como a gravata grita na camisa. E como as meias estão fazendo força para serem mais bonitas que a gravata. E o lenço no bolsinho, á esquerda, que se apresenta como candidato de conciliação?

— Leu a ultima chronica "De elegancia"? Que pensa do protesto contra os tecidos que desbotam com muito pouco uso?

— Perguntei eu ao autor do "Enigma Mulher", do "Estranho caso de Pelino Mendes" e director da revista "Columbia", sem desfitar-lhe a gravata de côres vivas que me prendera a attenção durante o tempo em que elle falára da exuberancia dos brasileiros...

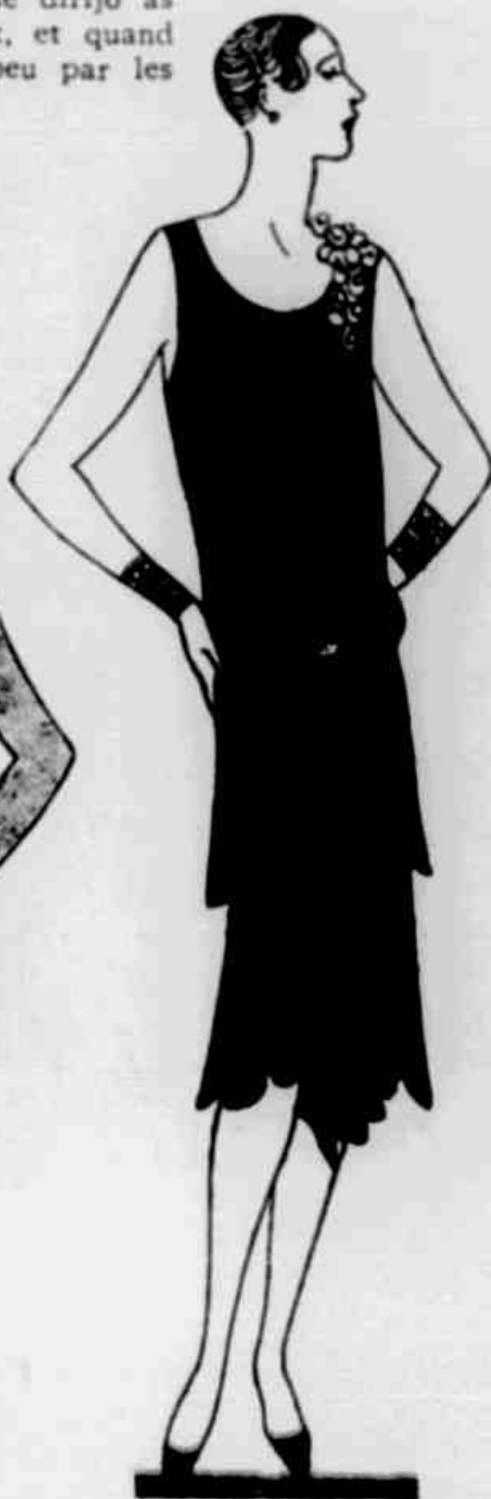
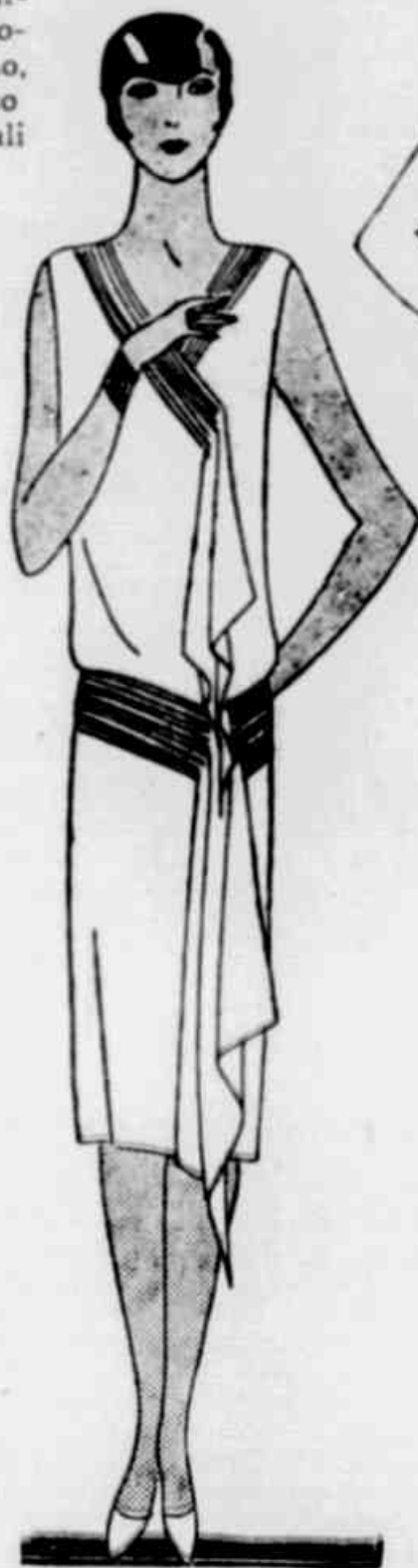
— Continue a bater na têla. Com o progresso industrial não ha mais razão para que nos submettamos a comprar caro e ruim.

Eram cinco e meia da tarde. Eu tinha de ir ao "cook-tail" que "Miss Paraná", a linda e intelligente Didi Caillet, offerecia á imprensa. Despedi-me de Christovam de Camargo que tambem tinha de attender numerosas pessoas que por elle esperavam.

Agora é Dorét quem fala, ou melhor, escreveu o seguinte que, gostosamente transcrevo:

— "Para dizer alguma cousa ás elegantes leitoras do "Para todos..." eu desejaria possuir a penna de um Zola, de Anatole France, ou mesmo a da autora do "Espelho de Loja". Mas não sendo senão um perfumista e um "coiffeur pour

dames" trato de falar simplesmente de penteados. A moda dos cabellos curtos prolonga-se, embora poucas damas andem bem penteadas. Nos cabelleireiros da actualidade ha pouca escola, pouca arte, sentindo-se, na maioria, o que se habituou a cortar os cabellos dos homens. Na cabeça das mulheres, o corte deve ser pouco exaggerado, artistico, cabellos um tanto longos, de larga ondulação, cachos, frisados que que assentem na physionomia. Em Paris, á noite, estão na moda as cabelleiras de côr do vestido. No Rio de Janeiro a estação official começa em Junho. Havemos de vêr nas nossas elegantes frequentadoras do Municipal e das grandes festas de noite, taes cabelleiras que eu procurarei fazer de accordo com o desejo de cada uma. Sorcière perdoará que eu misture um pouco de reclame ás palavras que dirijo ás leitoras de "De Elegancia". Mas, que quer? "Je suis a court, et quand je parle cheveux il faut bien que cela soit — tirer un peu par les cheveux..."

— A "Casa Machado" o canto das bonitas rendas, pelles, todos os objectos de armarinho, plissados e chapéos, festejou, agora em Maio — o mais lindo mez do anno, mais um anniversario. Offereceu, por isso uma taça de champagne aos que fazem dali uma das mais bem concorridas e elegantes lojas da cidade.

— Frequencia elegante e fina: a do salão azul e ouro da Confeitaria Paschoal.

— Os figurinos: vestidos para a noite.

Sorcière.

A' exposição dos carros "Jordan", feita pelos Srs. J. Rezende & Cia. — rua Evaristo da Veiga, 19 — compareceu a senhorita Jesuina Pimentel Marinho, "Miss Minas Geraes", que baptisou o primeiro carro desta marca lançado na praça do Rio.

Dr. José Lins e Souza que, depois de brilhante curso universitario, acaba de collar gráo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Margarida M. de Magalhães filha do ex-deputado federal Dr. Landulpho Machado de Magalhães, da cidade de Pente Nova — Minas.

A DESCOBERTA DO BRASIL

Por acaso Pedr'Alvares Cabral
descobriu o Brasil.
Porém, si Pedr'Alvares Cabral tivesse
adivinhado
que pra lá de Bahia
existiam Sergipe, Alagôas, Parahyba,
Piauhy, Amazonas, Maranhão,
Rio Grande do Norte e Ceará;
e pra cá Matto Grosso e Goyaz,
nem mesmo por acaso
Pedr'Alvares Cabral teria descoberto
os Estados Unidos do Brasil.

LUCIO LATINO.

Tenho 50 annos
fumo ha mais de 30
e vejam como meus
dentes são brancos!
Bastou-me para
isso combater os
effeitos do fumo
sobre os dentes
com o uso do
Liquido Odol
combinado com a Pasta Odol
É um prazer bochechar com
Odol, pois além de ter os den-
tes preservados da carie, trago
sempre na bocca um sabor
agradavel e no halito um
perfume que faz desapparecer
o cheiro do cigarro.
Sempre fumei, fumo muito
e hei de fumar, graças ao
Odol
Odol
ODOL
PASTA DENTIFRICIA

MINIATURA DA CAPA DO "O MALHO" DE HOJE

A boneca que Minas desencantou

FIM

grande revolta da consciencia. Já haviam dado ordem para o automovel partir e a mineirinha presa de atordoante remorso, tendo ao espirito todo o drama da miseria daquella infeliz, mandou o carro parar e voltou ao meio da multidão procurando a velhinha e dando-lhe a esmola.

E o rosto triste:

— Tenho certeza que se eu não voltasse e não lhe désse a esmola, teria uma noite de vigilias e um grande remorso para sempre!

—

— Sou religiosa, sim senhor.

E a outra pergunta:

—Tenho fervorosa devoção pela Nossa Senhora do Carmo e pela Santa Therezinha do Menino Jesus. São tão generosas para commigo!...

E muito naturalmente:

— Nos meus menores desejos, e nos meus mais insignificantes caprichos ellas me attendem!... A's vezes vejo um objecto que me agrada muito. Vejo-o e se por qualquer circumstancia não posso adquiril-o, elle vem ter ás minhas mãos!...

Agora, corrigindo os cabellos que lhe cahiam sobre a testa:

— Até ha pouco se deu um caso interessante. Uma tarde passando por uma "bonbonniere" vi uma linda caixa de "bonbons". Mas como eu ia com pressa — tive de seguir sem compral-os. Quiz mandar buscar a caixa no dia seguinte, mas a pessoa incumbida de fazel-o não acertou com a casa. Pois imagine que nessa noite uma caixa igualzinha áquella vinha parar ás minhas mãos — presente de um amigo da familia!...

—

A linda Jesuina que nos envolvera em tão captivantes amabilidades despedia-se de nós no portão do jardim. Iamos partir com vontade de ficar alli sempre, porque aquelle recanto não é como os outros, tem qualquer coisa de differente e de bom, de encantador e suave talvez mesmo por ser a caixa onde mora a boneca que Minas Geraes desencantou!

BARROS VIDAL

●

EM JUNHO SERA' REALISADO O GRANDE CONCURSO DE S. JOÃO D'"O TICO-TICO"

"PLENILUNIO"

Plenilunio... rosas brancas nos canteiros...
um perfume vagando pelo ar...
um silencio profundo...
e á beira de um lago azul turqueza
nós dois numa longa palestra,
numa palestra amorosa.

Quasi te esconde o rosto
o branco chapéo de filó,
quando abaixas a cabeça para ouvir
as minhas palavras.

Tremes... sinto que estás afflicta...
— Escuta! Uma occasião era uma rosa.
uma linda rosa vermelha tão linda
como a tua bocca vermelha.
Veiu uma brisa e assoprou-a... assoprou-a
e a rosa depois de tremer
tombou por sobre a relva verdejante.

Olhas de lado a lado receiosamente...
Tolices! não tenhas receio, não!
— Escuta! quero contar mais outra historia...
mas... como é formoso o plenilunio
e o lago azul, não é verdade?...

FABIANO SOBRINHO.

Do livro "As lendas dos jardins".

A FEBRE AMARELLA

SUGGESTÕES DA C. C. E. F. A.

Todo o brasileiro deve ser um bom mata-mosquito.

A febre amarella é transmittida por um mosquito — o estegomia.

Este mosquito existe em quasi todas as cidades do Brasil.

Elle se cria principalmente nas aguas paradas dentro de casa ou no quintal.

Numa talha, num vaso com flores, numa lata, num caco de garrafa, por menor que seja a quantidade d'agua ahi contida, o mosquito pode deitar ovos.

Os ovos, para se desenvolverem e produzirem um mosquito com azas, levam cerca de oito dias.

Vigie, pois, uma vez por semana, as aguas paradas na sua casa ou no seu quintal; mude a agua que fôr possivel mudar, lave bem as vasilhas, deite kerozene nas aguas quando não fôr possivel mudal-as ou cobrir o recipiente, quebre e enterre ou mande para o lixo toda a vasilha imprestavel, toda a lata, todo caco de garrafa. Mantenha bem coberta "durante a semana inteira", qualquer vasilha onde seja guardada a agua de beber.

Seja previdente e humano: defenda a sua casa e ensine os visinhos a defenderem as suas.

Ajude a tarefa da Saude Publica.

(Publicação gratis)

Historia de fadas

(CONCLUSÃO)

Dentro de mim um Eu esmaga a outro. Vence-o.
E depois ? Só ficou o gélido silencio ..

(Ao fundo, sobre os campos, começa a apparecer o disco argenteo da Lua Cheia; alhures — fruli, firulá — ouve-se uma gaita campesina. Elle fica suspenso).

A gaita pastoril, a rustica toada !

MAGA

Que está sentindo ?

MENESTREL

Nada.

MAGA

Uma tristeza ?...

MENESTREL

Nada;
Horrivelmente nada.

MAGA

Entristeceis, senhor ?

MENESTREL

Que saudade, meu Deus, da minha velha dor !
Poderei viver só, sem ter a companhia
Da muda tecelan que os versos de ouro fia ?

SCENA III

MENESTREL, MAGA, AS TRES MULHERES TRISTES E CAMPONIOS

(Durante esta ultima fala, a Lua C se ergueu sobre os campos, torn immensa e á sua luz foram cheg pela estrada as tres mulheres trist pastor, camponios com seus forcac aneinhos).

PASTOR

Nós viemos aqui buscar a nossa ma

1ª MULHER

Queremos ter de novo os olhos r d

2ª MULHER

Com que direito vós quereis fi

3ª MULHER

Nós queremos soffrer !

ACERCA DE SHAMPOOS

'Ia um sem numero que pódem ser ...ificados como bons, inocuos e máos. ... impossivel que uma marca de shampoo possa ser apropriada para cada uma ... differentes especies de cabello. Em ... casos elle tira muito do azeite ...ral; em outros, demasiado pouco. ... pessoas de cabello claro têm necessidade de um shampoo mais suave que ... de cabello escuro. O logico, pois, é ... cada um prepare o seu proprio shampoo, graduando-lhe a força de accôrdo com as necessidades do seu cabello. Como uma planta em terra fertil bem cuidada, o cabello crescerá abundante e formoso se fôr cuidado apropriadamente; porém se se abusa delle, ... fazem muitas mulheres, que o lavam com fortes soluções alcalinas, acontecerá o mesmo que se atirasse um ve... destinado a cardos sobre uma ...ta delicada. Antes de concluir, devo ...ertir que o meu pharmaceutico me ...mmendou o emprego do stallax ...ples, em logar dos shampoos em pó, ... preparados; e devo informar que ... substancia resulta ideal para o ... indicado. Faz com que o cabello ...orne suave e ondulado.

MENESTREL

...agua é tão bella!
...bandona a Maga e vae juntar-se aos ...ponios).
...ambem, como vós, perdi o meu thesouro.
..., por soffrer, até montanhas de ouro!

PASTOR (ao Menestrel)

...falar-lhe afim de que nos restitua
...a riqueza humilde.

MAGA (num extase)
Eu vos bemdigo, ó Lua!

1ª MULHER
Vêdes? E' uma bruxa!

2ª MULHER
E' uma feiticeira!

3ª MULHER
E' preciso que mal-a.

1ª MULHER
A' fogueira!

VOZES EM CÔRO
A' fogueira!

MENESTREL

(está diante do disco do plenilunio e parece um Santo com a sua aureola prateada).

Tende pena de nós, restitui a estrella
Pallida cuja luz nós seguiamos pela
Encosta da montanha; e sêde compassiva
Para que a gente chore e que chorando viva
Neste roxo jardim de humilimas violetas.
As nossas dôres são como nossas muletas.

1ª MULHER
Dizei que nol-as dê novamente!

2ª MULHER
E quando...

PASTOR
Silencio!

3ª MULHER (desanimada)
E' como se elle estivesse rezando...

MENESTREL (proseguindo)
A dôr esculpe a nossa intelligencia ductil;
A vida sem a dôr é uma comedia inutil.
Dae-nos o girasol que aformoseia o pégo
Não nos tireis o cão, o cão que guia o cégo!

MAGA
Não choreis. Para que semelhante clamor?
Nem tudo vos tirei. Ficou a pena ultriz:
A dôr de comprehender que, mesmo sem a dôr,
O homem não chegará — jámais! — a ser feliz.

AFFONSO SCHMIDT.

BREVEMENTE

GRANDE CONCURSO DE S. JOÃO D'"O TICO-TICO"

Verinha, filha do saudoso Engenheiro Helio Daut Fabricio

Enlace Zaira Moreira Mesquita—Antonio de Castro Faro Junior (18 de Março)

Maria José, filha do senhor José Augusto de Oliveira

Dr. Abelardo de Brito, da Faculdade de Odontologia da nossa Universidade, onde foi o unico assistente de Chapot-Prevost

Ruysinho e Ritinha, filhos do Dr. Ruy Pereira Gomes. Ruysinho fez annos no dia 18.

O cabelleireiro Botelho e sua senhora veraneando em Caxambú

Aloysio, filho do senhor José Augusto de Oliveira

Toda hora de doença é um tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras" em sua volta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

a hora certa do soffrimento.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e pódem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. E pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

"A SAUDE DA MULHER"

— sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flôres Brancas — assegura o prazer da vida, que só pode ser perfeito quando existe perfeita saude.

Officinas Graphicas d'"O MALHO"